

ANÁLISE DO FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE* NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKI

Enoque Rodrigo Silva Alcantara¹, Genadia Cavalcante Gomes²,
Nadia Ellen da Silva³, Débora Cristina Vasconcelos Aguiar⁴

¹Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu,
Iguatu, Ceará, Brasil, rodrigo.alcantara@aluno.uece.br

²Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu,
Iguatu, Ceará, Brasil, genadia.cavalcante@aluno.uece.br

³Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu,
Iguatu, Ceará, Brasil, nadia.ellen@aluno.uece.br

⁴Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu,
Iguatu, Ceará, Brasil, debora.aguiar@uece.br

INTRODUÇÃO

O filme *Escritores da Liberdade* retrata a vida da professora Erin Gruwell, que começa a dar aulas em uma escola pública de Ensino Médio, marcada por violência, racismo e desigualdade social. A longa-metragem expõe os desafios enfrentados pela docente, como: a limitação de recursos; a segregação entre as turmas; as diversas camadas sociais que compõem o perfil de seus alunos, alguns pertencentes a gangues rivais, outros marcados pela perda de familiares em decorrência da violência; e a falta de interesse pelo estudo.

Diante dessas condições, a educadora não desistiu, ela persistiu e adotou métodos não convencionais para conquistar a confiança de seus estudantes. Ela introduz obras literárias que demonstram aos estudantes que eles não estão sozinhos em suas lutas e os incentiva a escreverem diários relatando suas próprias experiências. Com o tempo, a rivalidade entre os discentes é superada. Eles passam a respeitá-la e apresentam uma significativa melhora no desempenho escolar.

A fundamentação teórica desta investigação consiste nos estudos em Psicologia desenvolvidos por Lev Semenovich Vigotski (1896–1934), os quais têm como base epistemológica o materialismo histórico-dialético de Karl Marx (1818-1883). Nessa perspectiva, o ser humano é compreendido como um ser histórico e cultural. A teoria vigotskiana busca explicar o desenvolvimento do indivíduo a partir da apropriação dos elementos culturais, ou seja, defende que o desenvolvimento ocorre da dimensão social para a individual, do externo para o interno.

Ademais, Vigotski (apud Oliveira, 1993) desenvolveu o conceito de mediação, o qual explica que a relação do ser humano com o mundo não ocorre de forma direta, demandando, para isso, a presença de elementos mediadores. Nesse sentido, o autor identifica dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos, que são utensílios/objetos capazes de manipular ou modificar o meio externo, ou seja, mediadores físicos; e os signos, que atuam como mediadores psicológicos, como a linguagem, os símbolos matemáticos, entre outros.

Por conseguinte, Vigotski (apud Nunes; Silveira, 2015) distingue dois tipos de aprendizagem de conceitos: os espontâneos, que são adquiridos no cotidiano, como o uso e a função de objetos; e os científicos, os quais são aprendidos de forma sistematizada, por meio do ensino formal, como as regras matemáticas, entre outros. Contudo, é importante esclarecer que o conceito científico tem como ponto de origem o conceito espontâneo, haja vista, por exemplo, que uma criança antes mesmo de receber instruções formais, muitas vezes já vivenciou experiências em uma sociedade letrada ou realizou contagens no cotidiano.

Segundo Vigotski (2009, p. 318) “[...] a aprendizagem se apoia em processos psíquicos imaturos, que apenas estão iniciando o seu círculo primeiro e básico de desenvolvimento”. Partindo dessa perspectiva, Vigotski (2009) formula o conceito de Zona de desenvolvimento Iminente (ZDI), também traduzido por Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ou Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI). Esse, por sua vez é constituído por dois outros conceitos: a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), que é a capacidade de realizar atividades sem ajuda, ou seja, conhecimentos já efetivados; e a Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP), isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes. Nessa perspectiva, a ZDI representa o percurso entre os conhecimentos efetivados e o que o sujeito pode alcançar com a mediação do outro.

Destarte, este trabalho tem como objetivo principal analisar o filme *Escritores da Liberdade* à luz da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, destacando os processos de mediação e aprendizagem. Em síntese, este estudo justifica-se por evidenciar desafios do contexto escolar, como desigualdades sociais e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, os estudos de Vigotski para a educação revelam uma compreensão ampla e consistente do processo de aprendizagem como um fenômeno essencialmente social, histórico e cultural. Dessa forma, contribui para reflexões sobre práticas educativas mais significativas e para a formação docente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como tendo natureza qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória, conforme a classificação proposta por Gil (2008). Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico e analítico, fundamentado em obras que discutem a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, bem como na análise do filme *Escritores da Liberdade*. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite o contato direto com produções já sistematizadas, possibilitando maior compreensão do fenômeno estudado.

A análise do filme foi realizada de forma interpretativa, buscando relacionar cenas específicas aos conceitos teóricos abordados. Dessa forma, o estudo visa a compreender as contribuições da mediação pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção abordará a relação entre algumas cenas do filme a partir de conceitos desenvolvidos por Vigotski.

- CENA 1: “LINHA NO CHÃO”



Nesta cena, a professora Erin traça uma linha de fita no chão da sala e propõe que os estudantes avancem até ela sempre que se identificarem com determinadas experiências, como violência doméstica, perda de amigos para o crime, discriminação racial, abandono familiar, entre outras. No início, os estudantes mostram hesitação e tensões, haja vista que os grupos por serem de gangues rivais não demonstram qualquer tipo de relação, mas, à medida que as afirmações são lidas pela professora e vários alunos dão um passo à frente, o silêncio ganha força e eles percebem que compartilham dores e vivências semelhantes.

A dinâmica rompe as barreiras entre os estudantes ao revelar experiências comuns de sofrimento, transformando, assim, o clima da sala. O que antes era confronto e desconfiança dá lugar ao reconhecimento mútuo e à empatia. O ato de avançar após cada afirmação, deixa de ser apenas um mero ato físico e passa a ser exposição, confiança e abertura ao outro. Assim, a atividade promove um momento coletivo de reflexão e aproximação, no qual os alunos passam a se enxergar para além da rivalidade, começam a criar vínculos e aumentar a compreensão sobre si e sobre os colegas.

À luz da Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento das funções superiores não ocorre de forma direta entre o sujeito e o meio externo, mas por meio da mediação de instrumentos e signos culturais (Oliveira, 1993). Na cena citada, a professora atua como mediadora ao propor uma atividade que utiliza a linguagem (afirmações lidas) e um recurso simbólico (a linha no chão) como estratégias para interação. Logo, esses elementos funcionam como signos que organizaram as vivências que estavam silenciadas.

Ademais, o ato de avançar até a linha deixa de ser um movimento físico e passa a ser um processo simbólico de reconhecimento coletivo. Desta forma, a mediação promovida pela senhora Gruwell possibilita que sentidos individuais vinculados aos conceitos e às ideias mencionadas por ela, como dor, perda e discriminação, sejam ressignificados, por meio da partilha com os colegas. Desse modo, a atividade transformou a interação da sala em um espaço de construção de novos sentidos sobre si e sobre o outro.

Nesse contexto, lembramos ainda que o desenvolvimento do sujeito à luz da teoria vigotskiana emerge da relação interpessoal (Oliveira, 1993; Molon, 2015). Nessa perspectiva, os estudantes, ao perceberem as semelhanças entre si, atenuam a rivalidade, dando espaço a empatia e laços emocionais, evidenciando que o outro exerce um papel fundamental na construção de novos pensamentos e comportamentos. Ademais, é relevante ressaltar que esta mudança foi fruto da ação da professora, enquanto um agente mediador.

- CENA 2: “CADERNOS”

Na seguinte cena, a educadora entrega um caderno a cada estudante para que usem como diários, e propõe que escrevam livremente sobre suas vidas, sentimentos, sonhos, medos, traumas etc. Ela deixa claro que ninguém será obrigado a compartilhar o que escreveu, deixando esse poder de decisão com cada um deles. No início muitos alunos demonstram insegurança, pois não estão acostumados a expor suas emoções nem a ver a escrita como algo significativo. Com o passar dos dias, os cadernos se transformam em um território de expressão pessoal, pois os estudantes passaram a registrar memórias difíceis e conflitos familiares, vivências marcadas por violência e expectativas sobre o futuro, e, com um tempo, começaram a utilizar a escrita como uma forma de elaborar sentimentos e afirmar a identidade. Assim, a cena evidencia que a escrita pode funcionar como instrumento que permite os alunos reconhecerem o valor das suas próprias histórias.

Na perspectiva da teoria vigotskiana, ao entregar os cadernos e propor a escrita livre, a professora introduz a linguagem escrita como elemento mediador da constituição subjetiva (Molon, 2015). Inicialmente, os estudantes demonstram resistência, por não ver a escrita como uma forma de serem ouvidos. Contudo com o passar dos dias, eles passam a usar os cadernos e escrever suas vivências. Desta forma, o diário deixa de ser apenas um objeto físico e passa a ser um instrumento simbólico que possibilita a organização e elaboração de experiências.

Ao registrarem memórias, traumas e expectativas, os estudantes usam a escrita para dar sentido às próprias vivências, transformando emoções em narrativas. Nesse processo, a linguagem escrita atua como um signo que permite não apenas a comunicação, mas também a autorregulação e a construção da identidade. Assim, a cena evidencia que, por meio dos signos culturais, como a escrita, os estudantes passaram a reconhecer e ressignificar suas histórias, promovendo o desenvolvimento de funções psicológicas superiores.

- CENA 3: “EXCERTO DO DIÁRIO DE UM ALUNO”

Neste momento a professora Gruwell é surpreendida com a decisão de um dos alunos que pede para ler em voz alta um trecho do diário. O estudante revela que durante as férias sua família foi despejada, e descreve que se sente desestimulado em ir à escola, já que está sem dinheiro e sem casa.

O ponto da virada do relato surge quando ele fala o seguinte,

[...] O ônibus para em frente a escola e eu tenho vontade de vomitar, estou usando as mesmas roupas do ano passado, os mesmos tênis velhos e o mesmo penteado. [...] aí eu percebo que a senhora Gruwell, minha professora de inglês maluca do ano passado é a única pessoa que me faz ter esperanças. [...] eu recebo meu horário e a primeira professora é a senhora Gruwell na duzentos e tres, eu entro na sala e sinto como se todos os problemas da vida não fossem tão importantes, estou em casa. (Escritores da liberdade, 2007).

Essa passagem ilustra como a mediação da professora ultrapassou a atividade escolar, oferecendo pertencimento. Deste modo, o reconhecimento e a certeza de que alguém acreditava nele, apesar de tudo, foi um ponto importante na construção da autoestima e da motivação do jovem. A mediação da professora enquanto relação eu-outro (Molon, 2015), estabelecida de forma empática e dedicada, possibilitou ao estudante a transformação do significado da escola para ele. Se antes esse espaço era sentido como uma imposição, agora poderia ser vivenciado como liberdade, isto é, como território para a construção de novas possibilidades de vida e de futuro. Essa transformação não pode ser compreendida como efeito de um ato isolado ou espontâneo, mas como resultado de um conjunto de práticas mediadas pela professora Erin Gruwell.

Nesse sentido, a ação do estudante ao compartilhar com seus colegas sua história de dor e transformação pode ser compreendida a partir do conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente, haja vista que a segurança emocional e simbólica necessária para tal ação não estavam plenamente desenvolvidas, mas foi construída por meio das interações mediadas com a professora e com os colegas.

Por conseguinte, nas cenas analisadas, a atuação da professora mostra-se fundamental para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem que ultrapassa a sala de aula. Ao adotar propostas não convencionais, a professora cria condições, que favorecem o reconhecimento das experiências individuais no coletivo. Dessa forma, a professora enquanto

agente mediadora nesse processo foi essencial para construção da autoestima, motivação, confiança e abertura ao outro.

Por fim, o filme *Escritores da Liberdade* é uma obra excelente para se trabalhar em sala de aula, com o fito de se refletir sobre os desafios e as possibilidades da docência. Considerando o enfoque na teoria da Psicologia histórico-Cultural de Vigotski, destaca-se que as práticas pedagógicas adotadas pela professora Erin Gruwell refletem a importância da mediação docente no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme *Escritores da Liberdade*, à luz da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, evidencia a importância das interações sociais e do ambiente no processo de aprendizagem. No filme, a professora Erin Gruwell atua como mediadora do conhecimento ao criar práticas pedagógicas significativas que valorizam as vivências dos alunos. Segundo a teoria vigotskiana, o comportamento e a aprendizagem resultam da relação entre sujeito e meio, sendo a mediação pedagógica essencial para a construção do conhecimento. Ao utilizar a linguagem, a escuta ativa e a valorização das experiências pessoais, a docente promove a aprendizagem dos estudantes, possibilitando que transformem suas concepções de mundo e atribuam outro sentido ao espaço escolar e ao estudo.

Além disso, o filme demonstra que uma postura docente empática e comprometida contribui para a superação da indisciplina e das desigualdades presentes no contexto escolar. A escrita dos diários funciona como instrumento cultural e simbólico, fortalecendo o pensamento reflexivo, a identidade individual e a expressão dos sentimentos dos estudantes. Dessa forma, a aprendizagem ultrapassa a simples assimilação de conteúdos, promovendo a transformação dos sujeitos por meio da interação social. O papel do educador, portanto, vai além da transmissão de saberes, configurando-se como agente de transformação social e emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Histórico-Cultural. Mediação. Aprendizagem. Prática pedagógica. Educação.

REFERÊNCIAS

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary. 3. ed. **Psicologia da aprendizagem**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.